

**18º Congresso Brasileiro de Sociologia**  
**26 a 29 de julho de 2017, Brasília-DF**  
**Grupo de Trabalho: Literatura e Sociedade**

**O casamento em perigo no romance sentimental de Corin Tellado e  
a imprensa feminina na ditadura militar brasileira**

Roberta Manuela Barros de Andrade  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Erotilde Honório Silva  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE-CAA)

## RESUMO

No Brasil, o livro de bolso inaugura uma nova era no consumo de romances sentimentais. Entre os anos de 1960 e 1975, no auge do período de exceção brasileiro, a coleção CorinTellido reina soberana nas bancas de revista país afora. As obras desta autora, diferentes de seus congêneres das décadas anteriores, giravam, essencialmente, em torno do casamento em perigo. Estamos, pois diante de transformações na estrutura de sentimentos (WILLIAMS, 2011) que regia o gênero até então. Como todo discurso literário está sob o domínio da retórica (MORETTI, 2007), então, o caráter social que sustenta a retórica literária de Tellido está relacionado a inúmeras instituições sociais. Porém, para fins deste trabalho, destacamos a relação da retórica literária sobre o matrimônio encontrada nesta autora com a retórica da imprensa feminina do mesmo período no Brasil. Este viés de análise nos permite perceber que a estrutura dos sentimentos não ocorre solitária e isoladamente, mas é compartilhada não só, como bem o afirmou Williams (2011), por outros artistas-literatos, mas também por outros integrantes do campo cultural que atuam em outras posições neste campo, e falam por outras linguagens, e em diferentes plataformas. Desta forma, para fins desta pesquisa, enfocamos a intrínseca relação do caráter avaliador e persuasivo do discurso literário (MORETTI, 2007) sobre o matrimônio em CorinTellido com o discurso jornalístico sobre o casamento presente na imprensa feminina do período.

**Palavras-chave:** Literatura Sentimental, CorinTellido, Estrutura dos Sentimentos, Retórica, Imprensa

No Brasil, até meados dos anos de 1950, os romances sentimentais estavam circunscritos a uma elite, oriunda dos setores médios urbanos da sociedade brasileira. Eram, pois, um bem de consumo de luxo. A este tempo, os canais de produção e circulação eram insuficientes e ineficientes. Como lembra Andrade (1969), somente aqueles privilegiados pela economia e pela educação poderiam comprá-los. O eixo de maior produção, circulação e consumo do livro estava ainda centrado no sudeste do Brasil (ESCARPIT,

1969). Assim, os romances não estavam somente restritos a uma classe social privilegiada, mas também, a uma região demográfica.

Neste contexto, a chegada dos livros de bolso no Brasil foi um marco em nossa produção editorial. Os gêneros publicados neste formato eram o faroeste, policial, gótico, erótico e, prioritariamente, o romance sentimental. Se até então, os livros eram fabricados a partir de capas duras, com papel de qualidade, o que encarecia o produto, o livro de bolso é produzido em capa mole, com papel de qualidade inferior, sem maiores cuidados tipográficos, e em formato menor que o usual. Os pontos de distribuição de livros também se transformam a partir da inserção do livro de bolso no mercado. Se as livrarias eram os espaços sociais, por excelência, da venda de livros, agora, os pontos de distribuição deste bem são os supermercados, as farmácias<sup>1</sup> e as bancas de revista. Desta forma, a vinda dos livros de bolso abriria espaços de consumo inéditos para seus leitores (ESCARPIT, 1969; COUTINHO, 1990). Pela primeira vez, as classes menos favorecidas têm acesso a este bem cultural, em regiões que não estavam no circuito de compra e venda usuais. Daí porque, nos círculos literários, esses recebem a alcunha de “livros dos pobres”. É com os livros de bolso, enfim, que o romance sentimental sai do âmbito da classe média urbana, em especial, a do sul e sudeste do País, e se populariza.

Essa literatura sentimental, entre os anos de 1965 e 1975, encontra, no Brasil, seu maior sucesso editorial, publicado pela Editora Bruguera e posteriormente pela Cedibra<sup>2</sup>, na espanhola Corin Tellado<sup>3</sup>. Corin Tellado,

---

<sup>1</sup> O decreto lei de 1968 no. 377, de 23 de dezembro autorizava a venda de livros em farmácias, em uma sessão especial para tal, com a orientação técnica do farmacêutico.

<sup>2</sup> Devemos lembrar também que ao lado da Editora Bruguera, algumas editoras brasileiras também se rendiam ao formato de livro de bolso, como a Ediouro, que lança nos anos de 1970 os *Romance Rebeca*. A Ediouro também publicava autoras consagradas da literatura sentimental como Barbara Cartland, bem como autores nacionais como *Adriana*, *Elia* e *Leonor* em formato de bolso. Entrementes, apesar de estar em formato de bolso, estes livros tinham uma qualidade superior de papel, capas bem mais elaboradas, e eram muito mais extensos do que os seus concorrentes (monopolizados pelas editoras Bruguera/Cedibra), portanto, eram destinados potencialmente aos setores médios da população.

<sup>3</sup> Logicamente que ao lado de Corin Tellado, havia outros autores de sucesso, como Carmem Toledo, Valentina Del Barco, Mercedes Escalante, Isabel Salueño, e Maria Neves Grafares, e naturalmente, seus maiores concorrentes, Carlos de Santander e Maria Tereza Sesé, que teriam também, devido a seu êxito em vendas, a sua própria coleção. As Coleções Corin e Trevo eram somente dedicadas às obras de Corin Tellado, a Coleção *Ventura*, a de Carlos de Santander e a Coleção *Marisol* aos livros de Maria Tereza Sesé, que foram concorrentes diretos de Corin Tellado no Brasil. Mas nenhuma dessas autoras alcançou a popularidade desta autora, no Brasil.

pseudônimo da espanhola Maria Del Socorro Amália Tellado López, está entre as autoras de romances sentimentais mais famosas do século XX. Esta teve seu primeiro livro editado em 1946, na Espanha, se tornando rapidamente sucesso editorial em seu país de origem. Durante o *franquismo*<sup>4</sup>, Corin Tellado foi soberana<sup>5</sup>. O único autor na Espanha que vendeu mais do que ela foi Miguel de Cervantes. Em 1962, a autora chega ao Brasil em formato de livro de bolso, com histórias curtas, entre 50 a 100 páginas. E logo é um sucesso absoluto<sup>6</sup>. Neste contexto, indagamos: o que sustentou o reinado de Corin Tellado, no Brasil, durante mais de quinze anos, com uma produção ininterrupta que foi consumida avidamente pelas nossas classes populares urbanas? O que, nesta autora, garantiria o seu estrondoso sucesso entre as classes populares do período?

Obviamente, várias são as respostas possíveis a esta questão. Há diferentes formas, posições e operações para dar conta das alianças entre ficção e realidade, entre autor e sociedade, entre produção e recepção, entre circulação e consumo. Pode-se, ainda, a partir de um estudo da retórica do discurso ficcional ter diferentes posições elocutórias, fazer tantas quantas analogias, propiciar inúmeros contrastes, consensos, dissensos e operações. O nosso viés de análise parte, pois, de um lugar particular: a especificidade temática das obras de Tellado, publicadas nestes quinze anos. Os seus livros colocaram em pauta conflitos emocionais, no interior da gramática amorosa, que não estavam em curso em seus congêneres. Se o núcleo central de suas histórias se pautava, semelhante aos livros publicados no período, em descrever a descoberta do amor até a sua concretização no casamento, suas histórias mais populares giravam, primordialmente, de forma bastante distante de seus congêneres, em torno de relações desfeitas. O matrimônio em perigo era um de seus temas favoritos. Se casar é inevitável para as suas

---

<sup>4</sup> Expressão que se refere à ditadura militar de Francisco Franco, que dominou a Espanha de 1939 a 1975.

<sup>5</sup> A autora publicou, ao longo de sua extensa carreira, mais de 4.000 mil obras, traduzidos para 27 idiomas, entre romances e fotonovelas, e roteiros para a televisão. Seu esquema de produção permitia que escrevesse uma nova obra a cada cinco dias, perfazendo ao todo mais de 5.000 títulos, em 50 anos de carreira. Ao todo, cerca de 400 milhões de exemplares de sua obra foram vendidos mundo afora. Faleceu em 2009, nas Astúrias, aos 82 anos de idade.

<sup>6</sup> No Brasil, além da venda de seus romances colaborava com *Seleções Reader's* e com as revistas *Cruzeiro* e *Cigarra*. Esses veículos de comunicação de massa, largamente divulgados no país, ajudaram a torná-la conhecida, colaborando para a venda de seus livros em bancas de revista.

protagonistas, continuar casada é um problema. Em suas obras, o casamento não é algo fácil de ser construído.

Em Corin Tellado, diferentemente dos romances sentimentais das décadas anteriores, os desentendimentos, a incompatibilidade de temperamentos e o fantasma da traição são uma realidade do cotidiano do casamento. Desta forma, vemos na narrativa literária desta autora mudanças na forma como o casamento havia sido até então retratado na literatura sentimental do período. Estamos, pois diante de transformação na estrutura de sentimentos<sup>7</sup> que regia o gênero. Mas, se lembrarmos junto com Williams (2011), que mudanças na estrutura dos sentimentos que regem uma obra literária ou artística são uma resposta a determinadas transformações na organização social, os temas que giravam em torno da separação, da traição, da infidelidade que pareciam ser uma obsessão para a autora, resultariam, em nossa perspectiva, de mudanças em curso sobre a representatividade do casamento nas fãs desta autora, que expressariam mudanças objetivas na estrutura social sobre a estabilidade do matrimônio no social. Eis porque estes pequenos livros eram verdadeiros manuais de autoajuda para casamentos em crise, postos na berlinda por desentendimentos, diferenças de temperamentos e pela ameaça da traição masculina.

Neste contexto, as técnicas de persuasão intrínsecas ao discurso literário de Corin Tellado nos remetem à percepção de que estes romances revelam, como qualquer outra obra, as alianças entre a retórica literária e as estruturas sociais objetivas que a tornam possível. No caso de Corin Tellado, diferentemente das tipologias desenhadas por Moretti (2009), que dividiu os romances realistas entre progressistas e conservadores, ousamos afirmar que os romances de Corin Tellado, publicados no período, são, ao mesmo tempo, conservadores e progressistas. O romance sentimental de Corin Tellado, apesar de não ter a profundidade dos romances russos, utiliza-se mesmo assim de diferentes vozes sociais (MORETTI, 2003), ainda que o resultado do encontro destas vozes recaia em um conservadorismo latente. Assim, ao lado de narrativas sobre a mulher e o casamento de cunho extremamente

---

<sup>7</sup>Estrutura de sentimentos é o termo que Williams (2011) cunhou para descrever como nossas práticas sociais e hábitos mentais se coordenam com as formas de produção e de organização socioeconômica que as estruturam em termos do sentido que consignamos à experiência do vivido.

conservador, representando elementos típicos de uma sociedade patriarcal, patrimonialista, machista e conservadora, há por outro lado, o enfrentamento, na obra da autora, de tendências emergentes, de novas forças que estão em curso no social, que colocam em xeque a estabilidade do casamento, ainda que propondo modelos de continuidade em um contexto claramente ameaçador a sua conservação.

Nesse contexto, lembramos que o livro não é uma entidade enclausurada, é uma relação, ou melhor dizendo, o centro de inúmeras relações (BORGES, 2010), portanto, um acontecimento cultural (MORETTI, 2009). Desta forma, partindo do pressuposto de que o romance redefine tempo, indivíduo, espaços e o próprio sentido da realidade, percebemos as obras de Tellado como uma força social, que com sua carga ideológica, avaliativa e emocional, constrói uma ponte entre o autor-criador e sua comunidade de leitores.

A partir daí nos perguntamos: qual a argamassa utilizada para construir esta ponte? Que elementos de retórica desse discurso estão presentes em outras plataformas linguísticas? As obras de Corin Tellado, como todo discurso literário, estão sob o domínio da retórica<sup>8</sup>. Mas, se as figuras retóricas que organizam as narrativas longas (como os romances) são pedaços profundos e enterrados de visões de mundo (MORETTI, 2007) direcionados a uma determinada audiência, concluímos que o caráter social que sustenta esta retórica, e a aqui, incluímos a retórica presente na obra de Tellado, está relacionado a inúmeras instituições sociais, resultantes da industrialização, da amplificação de mercados, do desenvolvimento da imprensa, da formação dos estados-nação etc. Nesse contexto, as visões de mundo ali encontradas refletem, como afirmaria Williams (2011), os modos dominantes, arcaicos, e emergentes do tempo social no qual a obra se insere.

O que caracteriza a literatura de entretenimento é justamente renovar constantemente suas regras de verossimilhança, adaptando-as às novidades de consumo cultural de seu período histórico, às inovações tecnológicas, às modas que permeiam os hábitos culturais, às mutações, transgressões e

---

<sup>8</sup> Lembramos que todo discurso é endereçado a uma determinada audiência, ou em outras palavras, os argumentos retóricos se iniciam em forma de pressuposições tanto quanto sentimentos, emoções, avaliações (opiniões) que se supõe estejam presentes e correntes em suas audiências (MORETTI, 2007).

conservadorismos ideológicos hegemônicos no social (SODRÉ, 1978, 1988). Neste contexto, a característica mais forte apresentada nesta escritora era a descrição dos hábitos e comportamentos de uma classe média urbana, que se adequava aos sonhos de consumo inseridos nos sistemas midiáticos e que sustentavam a política econômica que culminaria no Milagre Econômico Brasileiro<sup>9</sup>.

Este viés nos permite perceber que a estrutura dos sentimentos não ocorre solitária e isoladamente, mas é compartilhada não só por artistas-literatos, como bem o afirmou Williams (2011), mas também por outros integrantes do campo cultural, que atuam em outras posições neste campo, e falam por outras linguagens, e em diferentes plataformas. Desta forma, para fins desta pesquisa, trabalhamos com a intrínseca relação do caráter avaliador e persuasivo encontrado no discurso literário de Tellado sobre o matrimônio, pelo viés de sua representatividade na imprensa feminina do período. Neste caso, selecionamos algumas matérias encontradas em quatro publicações destinadas ao universo feminino, no período citado: *O Jornal das Moças* (1914-1968), o *Cruzeiro* (1928-1975), a *Revista Realidade* (1966-1976), e a *Revista Vida e Saúde* (1939...) <sup>10</sup>.

Estas revistas, apesar de orientações editoriais distintas tinham algo em comum: todas eram voltadas para o universo das classes altas e médias brasileiras. Todas elas retratavam o mundo de consumo das elites urbanas brasileiras que estava atingindo lentamente às classes médias ou a segmentos desta, através das facilidades de consumo propiciadas pelo regime em vigor no Brasil. As personagens de Corin Tellado circulavam nos cafés, nos clubes, à beira das piscinas, nas barbearias, nos salões de beleza. Em todos os espaços sociais que descrevia, Corin Tellado dava conta de um universo pautado em hábitos e costumes de uma classe média alta, e que no Brasil, atinge, em

---

<sup>9</sup> Expressão que representa o fracasso da política econômica interna brasileira que apregoava o crescimento das classes médias urbanas, mas, cujo acesso aos bens de consumo de luxo e/ou supérfluos se dava através do endividamento constante. O milagre brasileiro também alcançou o mercado editorial. Em 1972, foram publicados 136 milhões de livros para uma população de 98 milhões de habitantes, o que leva a estatística de 1,3 livro por habitante.

<sup>10</sup> Apesar da revista *Realidade e a Vida e Saúde* não serem consideradas revistas femininas, tal como *O Cruzeiro* (1928), elas tinham o hábito de publicar artigos voltados para o público feminino.

termos de anseios e expectativas potencialmente, às classes populares que eram suas principais leitoras.

Neste sentido, apesar de reproduziram estilos de vida destinados a segmentos das classes médias, os estereótipos femininos lá difundidos atingiam às classes populares que eram contempladas pela propaganda de bens de consumo associados a esta classe, encontrada de forma incessante nas ruas, nas televisões, no rádio, nos jornais e periódicos. Deste modo, vendidas a baixo custo em bancas de jornal, suas histórias visavam, prioritariamente, a um público leitor feminino em processo de urbanização. Neste contexto, as classes médias já podiam gozar do privilégio de usufruir das incitações de desejos da nova sociedade de consumo. O golpe militar de 64 garante, assim, a uma emergente classe média a continuidade de um novo status social e apregoa para as classes populares a possibilidade de entrada na sociedade de consumo.

### **Romances, hábitos e intertextualidade**

Os romances de Tellado retratam mudanças nos hábitos culturais das classes médias como o consumo de cigarro, pelas mulheres, agora, percebido como sinal de elegância feminina. Porém, este apelo glamouroso está presente em todos os periódicos do período. A Sousa Cruz, principal produtora de cigarros no Brasil, já investia, desde 1903, neste público, chegando a criar uma marca de cigarro, especialmente voltada para esta consumidora, a “Dalila”. Mas, somente décadas depois, o cigarro penetra como hábito de consumo feminino, pelo menos, nas classes altas brasileiras. No *Jornal das Moças*<sup>11</sup>, periódico de sucesso, no Brasil, entre os anos de 1940 e 1960, as propagandas de cigarro, como afirma Sasaki (2010), eram constantes. Em 1948, a Sousa Cruz filia, neste periódico, a marca de cigarros Hollywood a uma figura feminina que, na capa do anúncio, segura, com mãos bem cuidadas, um cigarro com charme e elegância.

Em 1949, já se publicava, neste periódico, cinco peças publicitárias diferentes só para este produto, vinculando tais imagens à figura feminina, nos

---

<sup>11</sup> O *Jornal das Moças*, que teve sua primeira edição em 1914 e a última em 1968, dirigido ao público feminino de classe média alta no Brasil, difundiu atitudes, modas e comportamentos, considerados socialmente aceitáveis para o período.



mais diversos espaços sociais, em frente a caixas registradoras (em supermercados, escritórios, lojas) ou mesmo no retiro do lar. Durante toda a década de 1950, o hábito feminino de fumar é considerado quesito de elegância e tem ampla aceitação nas classes altas e médias brasileiras. Nos anos de 1960, as propagandas se ligam à bossa nova, tendo a praia de Copacabana como pano de fundo ou o ambiente de clubes chiques frequentados pelas mulheres de classe alta no Brasil. Como afirma um anúncio do cigarro Hollywood do período, publicado nesta revista, “os tempos mudam, mas, a preferência pelos cigarros Continental permanece” (SASAKI, 2010). Assim, não é à toa que as mulheres de Corin Tellado fumam. É a representação da modernidade que se pretende à época.

Limitou-se a puxar da sua cigarreira de ouro e procurar nervosamente um cigarro. Levou-o à boca e Fred aproximou o seu isqueiro com uma prontidão exagerada (Corin Tellado, Caprichos de um milionário, p.10).

E, encolhendo os ombros, Helena foi sentar-se nos braços de uma poltrona. Trazia, sob o quimono branco, um pijama negro, o que demonstrava gostar dos contrastes. Balançando uma perna, expeliu com deleite uma baforada de fumo; e a fumaça espalhando-se pelo aposento, saiu alegremente pela janela, indo confundir-se com os raios de sol. (Corin Tellado, Amar é meu passatempo, p.03)

Porém, não é somente pelo consumo de cigarros que a modernização prevista pelo regime em vigor penetra na obra de Tellado. As tramas desta autora apresentavam um universo no qual as idas aos clubes, a frequência a restaurantes, a aquisição de carros e lambretas, as viagens de férias estavam incorporadas aos hábitos de vida de seus personagens. Nestes espaços, diferentemente de décadas anteriores, o flerte tem lugar, substituindo o espaço privado como local prioritário para o encontro amoroso. Como bem o demonstra Illouz (2009), os espaços públicos substituem o cortejo amoroso na casa dos pais, situando o encontro romântico em espaços de consumo como restaurantes, cinemas, salões de baile. Ao inscrever o encontro nesta esfera, realiza-se a penetração simbólica e concreta do mercado no âmbito do encontro romântico.

Assim, apesar do espaço social destinado ao encontro amoroso ter se modificado, as histórias de bolso de Tellado tinham como ingrediente infalível as descobertas e desventuras encontradas para a concretização do grande amor, que só encontra lugar, dentro dos sagrados laços do matrimônio. O

enredo era simples. Um dos seus temas prediletos era o do amor de adolescência que não vinga, mas que retorna, com força total na idade adulta, o que causava frisson entre as jovens das classes populares. Mas não era somente de amores de infância contrariados que se alimentavam suas tramas. Havia também homens sedutores que tentavam, a todo custo, fazerem pecar suas inocentes presas, mas que enfeitiçados pela virtude impecável de suas eleitas, acabavam por sucumbir aos sagrados laços do matrimônio. Existiam ainda homens rejeitados que retornam ricos à sua cidade natal para se vingarem de seus amores, acabando por se virem presos mais uma vez pelas rédeas da paixão.

Mas indubitavelmente, suas histórias giravam, primordialmente, em torno de relações desfeitas, quer por problemas de comunicação entre o casal ou imaturidade dos jovens enamorados. Os vilões são praticamente inexistentes em CorinTellado. Se há problemas no amor, este se encontra em um contexto social avesso ou no temperamento forte ou mal orientado dos próprios protagonistas. Mas, dentre estas relações desfeitas, a que requeria mais atenção de CorinTellado era a do casamento em perigo. Assim, se em seus congêneres, o encontro amoroso tinha seu desfecho com o casamento católico, muitos romances de Tellado começavam a partir do ponto em que a história de seus congêneres terminava, após o casamento.

Entrementes, se o matrimônio não era o fim da história, a sua harmonia não era garantida, pelo contrário, os conflitos no matrimônio eram o mote de sua narrativa. Uma das razões que alavancava a desarmonia no casamento era, na visão de Corin Tellado, a transformação do papel social da mulher nesta sociedade, cuja força motriz está no consumo. Não é à toa, pois, que as protagonistas de Corin Tellado, apesar de viverem toda esta aura de modernidade, a saída aos clubes, ao cinema, os passeios de carro, as viagens de férias ainda tinham que preservar as qualidades que as faziam excelentes mães e esposas como cozinhar, costurar, passar roupa. Aquelas que não se enquadravam neste esquema eram fúteis, mal orientadas, que só queriam usufruir da modernização do mundo, sem ocupar o lugar que lhe era destinado neste novo mundo, e por sua insubordinação, poderiam e deveriam ser duramente castigadas.

— Não quero continuar lavando as minhas meias e consertando eu

mesma as minhas roupas. — Cale-se, Helena! — Por que hei de calar-me? (..) — Já lhe disse que se cale!— Por quê? Podíamos ter mais uma empregada, para você não passar a vida enterrada na cozinha. Podíamos...*Paff!* A bofetada estalou dura no rosto bonito da pequena insatisfeita. Irene fitava severamente a filha, enquanto esta olhava-a com incredulidade. (CorinTellado, *Amar é meu passatempo*, p.07)

A cena descrita revela, por certo, a violência não só simbólica, mas expressamente física que as personagens que não se enquadravam nos moldes hegemônicos eram vítimas. O uso da violência como fator de controle e repressão para comportamentos não socialmente aceitáveis estava profundamente presente também e principalmente nas relações amorosas. Em *Carolina* (1968), a jovem esposa, em uma discussão motivada por ciúmes infundados de seu cônjuge é estapeada pelo marido, em *O encontro* (1978), a jovem Ema ao encontrar Avis beijando outra mulher em seu estúdio é também estapeada num ataque de fúria do marido que a culpa pelo flagrante, em *Primeira Noite de Casados* (1965), Maud pensa ter sido estuprada, após um desmaio resultante de uma briga, gerada por ciúmes, na qual Marx, seu primeiro amor, fora de si, a força com beijos a aceitar suas ousadias. Ao se recuperar do desmaio, Maud acaba aceitando sua proposta de casamento porque, segundo Marx, nenhum homem honesto quererá para esposa uma mulher marcada por outro, independente de sua cooperação ou não no ato sexual em si.

Assim, de fato e de direito, o casamento em Corin Tellado não é um mar de rosas. O núcleo central de suas histórias se pautava, semelhante a seus congêneres, em descrever a descoberta do amor, e primordialmente, diferente destes, a sua manutenção, sempre dentro do matrimônio. Mas, esta manutenção é problemática. Os homens tendem à infidelidade e é dever de suas esposas desviá-lo deste caminho. Neste contexto, é papel da mulher estabelecer a harmonia no lar e ao homem retribuir-lhe com respeito, ternura, admiração e paixão, posturas que propagavam e incentivavam a continuidade das desigualdades nas relações de gênero.

Enquanto isso, obedecendo ao princípio de intertextualidade<sup>12</sup>, as revistas destinadas ao público feminino ilustravam como casais famosos, que

---

<sup>12</sup> A intertextualidade parte do princípio de que nenhum texto pode ser lido sem relação com outros e que, portanto, quando interpretamos um livro, estamos colocando em jogo, direta ou

não selecionavam parceiros conforme as normas do amor idealizado, eram objeto de desconfiança e críticas, tal como eram os casos das artistas de teatro, de rádio e da TV. Os padrões ali difundidos, em geral, eram os mais conservadores possíveis<sup>13</sup>. Assim, a imprensa alimentava o imaginário de uma mulher, que primeiro era tutelada pelo pai, depois pelo noivo, e *a posteori*, pelo marido e quando este falecia, pelo filho mais velho. Assim, para a imprensa brasileira, o homem era “o cabeça” do casal. Mas, a qual casamento CorinTollado está fazendo referência? A um tipo de casamento no qual os papéis masculinos e femininos eram bem demarcados, vigiados e cumpridos à risca. No romance *Carolina* (1968), se a heroína da história, iniciava a trama insatisfeita com o casamento era porque não havia aprendido a revelar seus verdadeiros sentimentos ao marido e ainda era incapaz de compreender os sentimentos deste em relação a si própria. Então, em CorinTollado, os conflitos conjugais aparecem, mas não sob qualquer prisma.

Os temas que giravam em torno da separação, da traição, da infidelidade, pareciam ser uma obsessão para a autora. Ali, realizava a sua pedagogia social, orientando às esposas infelizes nas atitudes que deveriam tomar para trazer a paz e harmonia de volta ao lar. Mas, esta não era somente uma preocupação de Corin Tollado. O casamento, em especial, a infidelidade era, à época, tema recorrente nas revistas femininas do período (BASSANEZI, 1993, 1996; BUITONI, 1990, 1991). Na revista *O Cruzeiro*, destinada ao público feminino, a sua seção “De mulher para Mulher”, se pautava em conselhos e orientações sob inúmeros problemas do mundo feminino, dentre eles, as primeiras desavenças entre os casais e a infidelidade conjugal.

Mas, se é necessário englobar aspectos da realidade para garantir o princípio da verossimilhança nestas obras, este enquadramento não se faz de qualquer forma, mas, em uma perspectiva que naturaliza possíveis conflitos e restaura a ordem social. Em suas obras, os conflitos entre os jovens

---

indiretamente, um amálgama de outros conhecimentos que vem de outros textos trazidos inevitavelmente para o texto original (BARTHES, 1972).

<sup>13</sup> Este foi o caso das reportagens sobre a baiana Marta Vasconcelos, que foi eleita miss Universo, em 1968. Se nas reportagens que se avolumavam sobre o tema (à época os concursos de beleza eram extremamente populares) os leitores poderiam ser informados sobre as medidas das candidatas ou os milhões que se gastavam em roupas, também eram notificados sobre as circunstâncias em que a baiana se tornara *miss*. As reportagens salientavam que a candidatura da moça só se deu, apesar de inúmeros convites e do apoio das amigas, quando seu noivo dera consentimento na sua participação no concurso.

enamorados se configuram como manifestações naturais da distinção entre os sexos, e que naturalmente se diluem (BRITTO, 1999). Em geral, acontecem por problemas de comunicação entre os amantes, por imaturidade, mais frequentemente feminina, pela defesa da honra da protagonista, por orgulho feminino em não se dobrar à vontade do herói, e, finalmente, pelo não entendimento de que a situação apresentada se trata de amor, o único e verdadeiro.

— Tu não sabes, papá, como me olhou e que frases usou para dizê-lo. Tu não sabes o odioso que é um homem petulante, um homem que acredita ter todos os trunfos na mão e diz a uma mulher, não se quer casar com ele, mas que se casará.(..)— Desprezaste o homem mais rico de Inglaterra, pelo menos um dos mais ricos (Corin Tellado, *Caprichos de um milionário*, p.11-12)

Nesse cenário criado com altíssimos níveis de repressão feminina, a virgindade, em CorinTellado, é radical. Nem sequer a carícia mais usual pode encontrar lugar, se não for conduzida por seu futuro marido. Mas, esta é uma representação maior, muito comum na sociedade brasileira da época. A “patroa” deve ser possuidora de pendor para o trabalho doméstico, beleza para exibir no social, e recato para manter os homens à distância. Mas tudo isso nada tem valor, se a jovem não sabe se conservar pura de “corpo e alma” (CUNHA, 2001). Em *Amar é meu passatempo* (1968)” e em *O Caminho dos noivos* (1978)”, os protagonistas se sentem atormentados ao imaginar, devido a falas dúbias de suas eleitas, que estas tenham recebido, antes de conhecê-los, carícias de outros.

— Você me enganou, pequena — replicou com frieza — Por meu gosto não tornaria a vê-la nunca mais, mas... levo o primeiro beijo dos seus lábios, compreende? Tem namorado muito, bancando a coquete com os homens, tem grande número de admiradores, mas fui eu o primeiro homem que a beijou (Corin Tellado, *Amar é meu passatempo*, p.31)

Deste modo, a combinação de sofrimento e virtude é recompensada, ao final da trama, pelo êxito no casamento. Esta visão é alimentada pela imprensa do período, adquirindo, inclusive, ares científicos. Na revista *Vida e Saúde*, de março de 1960, algumas mulheres relatavam sintomas que não entendiam como desânimo, falta de apetite e palpitações. O médico especialista, procurado pela revista, passava a explicar tais sintomas a partir da falta de controle das emoções femininas, decorrentes de sonhos com uma vida, de

solteira ou de casada, que não condizia com a realidade. Estas patologias seriam uma das consequências perniciosas da emancipação feminina. Daí porque uma solução óbvia para estes problemas de cunho emocional parecia ser a leitura de livros que orientavam sobre qual era o verdadeiro lugar da mulher na sociedade. Estes livros se falavam de amor e paixão, o faziam, com uma pedagogia clara: a recompensa do amor virá apenas para aquelas que souberem se comportar de forma adequada na vida social, isto é, para aquelas que saibam conservar sua virtude, quando solteiras, e a paz do seu lar, quando casadas.

É este o ideal de mulher desejado pela sociedade machista do período: o da mulher virtuosa, humilde e sincera. Mas, cabe a mulher se defender deste homem, viril, primitivo, cheio de artimanhas, que tenta abalar sua virtude. Aqui, há uma manutenção de uma dupla moral. Existe uma moralidade para os homens e outra para as mulheres. Enquanto as mulheres deveriam ser fiéis aos laços do matrimônio, não caindo nas tentações do mundo, sendo-lhe o adultério interdito, os homens poderiam facilmente ter uma vida dupla porque, às vezes, a esposa e mãe não saciava adequadamente seus desejos de homem viril. Era necessário procurar alento fora de casa.

Sua esposa fora um prolongamento daqueles filhos, por isso sentira tanto a sua morte. Não foi a dor de perder o seu amor. Foi a dor de perder a mãe dos pequenos, pois quase sempre procurava amor fora de casa. Sua esposa nunca o censurou. Não fora bom para ela, mas talvez ela compreendesse e perdoasse. (Corin Tellado, Quando o amor intervém, p.46)

Em 1969, a revista *Realidade* apresenta um perfil do homem brasileiro, em uma pesquisa encomendada pela própria revista. A partir dos resultados desta pesquisa, a revista conclui que o brasileiro é acima de tudo um moderado. Em matéria de mulheres, só aprecia dois tipos: a própria que ele costuma chamar de 'minha senhora'; e as restantes. Deduzindo das restantes: mãe, avós, irmãs e filhas que são sagradas e intocáveis. Para as outras que não cabem nesta topologia, restam as cantadas. Estes homens vivem a cantar as mulheres porque são viris e instintivos (CUNHA, 2001). Nesta gramática amorosa, ao homem cabe fazer promessas que não cumprirão em troca de favores sexuais do sexo feminino, cabe à mulher ter a decência necessária para a elas resistir. Corin Tellado, em seus homens, espelha este ponto de vista.

Se eu encontro na rua uma garota que me dá bola, posso prometer-lhe até sete casamentos, se ela me der um beijo em troca da promessa. Você não sabe como nós, homens, somos maus (Corin Tellado, Amar é meu passatempo, p.12.)

A mulher que casa é, assim, segundo a Revista Realidade, aquela que não se entrega, não se vende por quinquilharias, permanece firme e reta em seus princípios morais. Entretanto, todos esses atributos ficariam reduzidos a nada se um requisito fundamental não se apresentasse: a virgindade, condição exigida por 83% dos brasileiros, segundo as pesquisas realizadas pelos periódicos da época. Afinal, como afirma Cunha (2001, p.15) a *“minha senhora tinha que ser uma “moça de respeito”, o que significava não deixar “avançar o sinal” durante o namoro e o noivado*. Se ela cedesse aos apelos e súplicas dos homens, a mulher estaria desqualificada para um “compromisso mais sério”, pois quem garantiria a ele que ela não iria dar “provas de amor” a outros, também?

Desta feita, os romances de Corin Tellado fomentavam, no imaginário de suas jovens leitoras, a resignação, a preservação da virgindade e a abnegação frente à perfídia masculina. Na seção “De Mulher para Mulher”, da revista *Cruzeiro*, responsável por fornecer conselhos e orientação para suas leitoras, uma das indagações mais usuais de suas indecisas leitoras, girava em torno de como resistir aos avanços do sexo oposto. E a resposta era sempre a mesma: seja firme. Lembre-se de que a recompensa chegará mais tarde. Assim, a resistência feminina aos avanços masculinos indevidos, aqueles que poderiam fazê-las perder a virgindade, está sempre presente nas obras de Corin Tellado. Se esta brava mulher souber resistir a estas carícias inadequadas, vindas de outros ou do próprio protagonista, ela terá a recompensa do amor, completo e incondicional de seus eleitos. Assim, o casamento se traveste de promessas de carinho, afeto e solicitude. O homem compra a inocência de sua mulher, e resgata o que pagou a partir da noite de núpcias. Não é à toa que a mercadoria comprada deveria estar intacta.

—Estou farto de pequenas sabidas, Hugo! Tive uma infinidade de namoradas desde que entrei para a Universidade e fiquei enfiado de todas elas. Mas encontrei em Ana tanta inocência, tanta simplicidade... Além do mais quero ser o primeiro homem na vida da mulher com quem me casar. (Corin Tellado, Amar é meu passatempo, p.15).

Mas, se é difícil casar, muito mais difícil é preservar a paz no leito conjugal. A infidelidade masculina, diferente de outros séculos, ameaça o casamento, podendo causar sua ruptura. É preciso, pois, lutar contra este mal. A sociedade à época achava normal a escapada do marido, em especial, se se tratasse de um casamento já maduro, quando o homem está com a vida financeira equilibrada. A sugestão, para que a traição não rompa a relação é que a mulher, em hipótese alguma, abandone o lar, pelo contrário, deve-se manter em seu lugar de honra, evitando a todo custo cenas desagradáveis que só servirão para exacerbar a paixão do seu marido pela outra, que é taxada necessariamente de interesseira e exploradora (BASSANEZI, 1993). Este é o caso de *O Encontro* (1978). Ema, ao confirmar a infidelidade do marido, toma, então, uma atitude drástica: decide abandonar seu lar. Porém, ao longo da trama, Ema sofre várias críticas por sua atitude, da sua avó, da avó de seu marido e por último dele próprio. Ao final, a própria Ema reconhece seu erro ao abandonar seu lar:

— Se ela fosse mais amadurecida teria lutado frente a frente com ele. Sem deixar o campo livre para as outras. (CorinTellado, *O Encontro*, p.76)

Eu fui muito irrefletida. Nunca devia ter ido ao estúdio. A bofetada que Avis me deu foi como se castigasse uma menina tola. Agora vejo que eu mereci ser castigada. Ele me amava. Agora é que eu compreendo isso. Eu, com o meu exclusivismo, quis tudo e fiquei sem nada. Não se passa um dia que eu não me arrependa de ter feito o que fiz (..)) Talvez isso seja por culpa da educação que me deram. Faziam todas as minhas vontades, todos os caprichos. Ninguém me contrariava e eu me convencia de que o mundo inteiro era meu. A primeira contrariedade me comortei justamente como uma criança mimada (CorinTellado, *O Encontro*, p.32-33)

Da mesma forma como descrito nos romances de Tellado, os periódicos do período reforçavam a ideia de que, em tal situação, a esposa jamais deve abandonar o lar, e esperar, com sua compreensão e dedicação, que o homem consiga resistir aos seus caprichos, retornando ao seio do matrimônio. Mas, as mulheres de Corin Tellado, apesar de estarem voltadas, no casamento, para a criação dos filhos e para os cuidados com o lar, adquiriam outra qualidade que em nada lembra as doces e recatadas heroínas das décadas anteriores. Estas se tornaram mulheres ardentes. O cuidado e a dedicação ao marido, agora, são recompensados pela realização do prazer



físico. O casamento não significa, a partir de então, apenas meio de sustento de si e da prole. Uma qualidade se incorpora ao pacote: uma sexualidade recompensada. No casamento, a mulher, em Corin Tellado, tem, enfim, direito ao prazer físico.

Todas as mulheres descritas por Corin Tellado são mulheres de caráter apaixonado. Estas mulheres ardentes poderiam ter, no casamento, a realização de seus desejos carnis, pois, no melhor estilo do discurso romântico, o casamento, em Corin Tellado, conjuga, claramente, amor e paixão como partes constitutivas da vida conjugal (ARIES, 1987). Destarte, os homens de Corin Tellado seduzem suas mulheres com a perspectiva de intercursos sexuais apaixonados, que vão se iniciar no matrimônio e se perpetuar na vida conjugal. Porém, se a escolha amorosa romântica deveria ser realizada livremente e em função do compartilhamento de amor e desejo, este desejo deve estar sobre controle, se deixado à solta, ele poderia quebrar com as rotinas diárias, com a ordem instituída, exigindo sempre mais e mais da relação amorosa. Assim, para tentar neutralizar certo direcionamento que poderia ousar romper o tecido social das relações dominantes, o amor romântico é domesticado. E será o casamento a ferramenta social que apaziguará a ardência do desejo, transformando-o em afeto, carinho e solicitude.

Ela estendeu a mão mas, num movimento brusco, Hugo puxou-a para junto de si, beijando-a na boca. Surpreendida, ela quis retroceder, mas o jovem, jogando a maleta e a capa no chão, apertou-a nos braços com força, como se temesse deixá-la. Helena, rígida, lutou para libertar-se, mas ele tornou a beijá-la loucamente, desesperadamente, traduzindo naqueles beijos toda a angústia de quem vê desprezado o seu amor. Ela cessou bruscamente de lutar, deixando-se beijar, e a carícia que começara tão ferozmente transformou-se numa renúncia terna e humilde. (Corin Tellado, *Amar é meu passatempo*, p. 40)

Não é à toa, pois, que o auge da relação será sempre a chegada dos filhos. Neste sentido, a junção de sexualidade, amor e filhos, no casamento, torna-se, em Corin Tellado, fundamento da relação e modo de controle da vida privada, perdendo seu caráter transgressor e inovador. Assim, a sexualidade aparece como componente do casamento, mas qualquer referência à revolução sexual que ocorria em determinados países ocidentais, neste mesmo período, era barrada. Em seus livrinhos de amor jamais se discutia planejamento familiar nem métodos anticoncepcionais, temas que, inclusive já

estavam na roda de conversas da sociedade brasileira. Porém, Corin Tellado foge a essas discussões, ainda que tire partido da sexualidade feminina que, com a revolução sexual, começa a “sair do armário”, e vir à tona. E é sobre este anseio da mulher por uma relação amorosa completa que não fosse só espiritual, mas, física também é que se debruça Corin Tellado.

### **Considerações Finais**

Em Corin Tellado, agregava-se à sua narrativa determinados anseios femininos, como aqueles que diziam respeito às exigências de uma paixão retribuída nas relações entre os casais. Mas, quando Corin Tellado se integra a seu tempo histórico, o faz sob a tutela de um controle e de uma vigilância constantes. Num período de censura e restrições, que caracterizaram a ditadura militar brasileira e o franquismo espanhol, a autora escrevia histórias de amor nas quais obrigatoriamente a heroína era descrita como uma atraente mulher, apaixonada e ardente, mas que precisava ainda de abrigo-proteção de um parceiro que a sustentasse e mantivesse dentro da moral vigente. Esta moral relaciona o casamento ao amor, e ao fazê-lo redimensionava o prazer físico, dentro de uma ordem autoritária.

A autora traça uma nova gramática amorosa para o romance sentimental. A infidelidade aparece, pela primeira vez, em suas páginas. Na sua visão, este é um evento cotidiano a ser encarado no casamento. Esta autora elabora um verdadeiro manual de como se comportar, neste momento, a fim de que o matrimônio possa ser salvo e o equilíbrio retorne ao seio do lar. Se Corin Tellado tem o mérito de trazer à discussão pública os problemas conjugais, ela reforça, na linha do tempo, tal como em suas antecessoras, a submissão da mulher ao patriarcalismo, e o seu papel de coadjuvante na relação amorosa. Podemos dizer que se trata do casamento perfeito entre a ideologia política das ditaduras e os romances *água com açúcar*, fazendo chegar cada vez mais longe e mais profundamente nas classes populares a submissão a uma lógica autoritária.

Neste sentido, a noção do amor romântico, em Corin Tellado, se presta, ao controle e vigilância sobre as práticas consideradas inapropriadas pela ordem dominante vigente no Brasil. Este controle era exercido pelas famílias,

pelos puritanos e moralistas com o objetivo de cercear as possibilidades de movimento ou mudança dos indivíduos, regular suas relações de intimidade, exigir deles autocontrole e impor restrições às satisfações sexuais e sentimentais. Estes romances expõem práticas morais particulares que distanciam seu público alvo dos movimentos de liberação sexual tolerados nas sociedades democráticas. Ao contrário, tais enredos propagavam ideais de romance e amor que reforçavam certo comportamento sexual que compactuava com interesses políticos e religiosos. Em especial, os da Igreja Católica, aliada tanto do *franquismo* quanto do militarismo brasileiro, pelo menos, em seus primeiros anos, continuando a ser uma referência para a sociedade brasileira, durante os vinte anos do regime de exceção pelo qual o País passou.

A leitora decente deveria encontrar uma forma de negociar suas concepções de amor, sexo, casamento com uma só pessoa, que deveria ser do sexo masculino, de preferência, honesto, trabalhador e cumpridor de seus deveres sociais. Assim, as pessoas obedientes deveriam utilizar-se do rígido código moral vigente, não ultrapassando os limites entre a ordem estabelecida e qualquer transgressão, seja no âmbito político ou doméstico. Quem não estava dentro dessas fronteiras, era denominada de comunista, divorciada, mãe solteira e/ou prostituta e jamais apareciam nestes romances, nem sequer em posição secundária. Assim, os romances sentimentais que imperavam durante os anos de chumbo do período militar não tratavam somente de histórias de amor, mas compactuavam sublinaramente com a ordem política vigente.

### **Referências bibliográficas**

- ANDRADE, Olympio de Souza. O livro brasileiro: problemas e perspectivas numa visão de conjunto. IN: *Revista do Livro*. Rio de Janeiro. V.12, no.37, 1969.
- ARIÈS, Pierre. O amor no casamento. In: ARIÈS, P. e BÉJIN, A.(Orgs). *Sexualidades Ocidentais*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BARTHES, R. *Mitologies*. Londres: Paladin, 1972 .
- BASSANEZI, C. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal. IN: *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 1, 1993.
- BRITTO, Luiz Percival Leme. Leitura e política. IN: EVANGELISTA, Aracy Alves Martins *et al.* (Org.). *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1990.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 1991.
- CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras IN: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1992.
- COUTINHO, Edilberto. O livro de bolso no Brasil. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro. V.13, no.14, 1990.
- CUNHA, Maria de Fátima. Homens e mulheres nos anos de 1960/1970: um modelo definido? IN: *História: questões de debates*. Curitiba: UFRN, no.34, 2001.
- ESCARPIT, Robert. A revolução do livro. IN: *Revista do Livro*. Rio de Janeiro. V.10, no.31, 1969
- ILLOUZ, E. *El consumo de la utopia romântica*. Buenos Aires: Katz Editores, 2009.
- MORETTI, F. *Atlas do romance europeu:1800-1900*. São Paulo: Boi Tempo, 2003.
- MORETTI, F. (org). *A cultura do romance*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- MORETTI, F. *Signos e estilos da modernidade*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.
- SASAKI, Silvia. Smoking Fetish: representações femininas nas propagandas de cigarro (1940-1960). IN: *Fazendo Gênero: Diáspora, diversidade, deslocamentos*, 23 a 26 de agosto de 2010.
- SODRÉ, M. *Teoria da literatura de massa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.
- SODRÉ, Muniz. *Best-seller; a literatura de mercado*. 2.ed. São Paulo: Ática, 1988.
- TELLADO, Corin. *A Noite é só nossa*. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1969.
- TELLADO, Corin. *Carolina*. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1968.
- TELLADO, Corin. *As razões de um coração*. Rio de Janeiro: Cedibra, 1978
- TELLADO, Corin. *Caprichos de um milionário*. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1967.
- TELLADO, Corin. *Amar é meu passatempo*. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1968.
- TELLADO, Corin. *O Caminho dos noivos*. Rio de Janeiro: Cedibra, 1978
- TELLADO, Corin. *O Encontro*. Rio de Janeiro: Cedibra, 1978.
- TELLADO, Corin. *O Homem que eu amo*. Rio de Janeiro: Cedibra, 1975.
- TELLADO, Corin. *Primeira Noite de Casados*. Rio de Janeiro: Editora Bruguera, 1965.
- TELLADO, Corin. *Quando o amor intervem*. Rio de Janeiro: Cedibra, 1960.
- VENTURA, Zuenir. *1968: o ano que não terminou: a aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- WILLIAMS, R. *Cultura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.